

NARRATIVAS QUE QUEBRAM O MAR GELADO EM NÓS: O QUE CONTAM OS SOBREVIVENTES DE 2011

NARRATIVES THAT BREAK THE FROZEN SEA WITHIN US: WHAT THE SURVIVORS OF 2011 TELL

Cáudia Freire Vaz¹; Maritza de Magalhães Garcia²; Regina Carmela Emília de Resende³; Carolina Aguiar de Oliveira⁴; Erika Silva Ferreira⁵; Isabelle Kloh Braga da Silva⁶; Barbara Correa Nitto Viana⁷; Carla Rodrigues Ferreira⁸; Mariana Gonçalves Santana⁹

RESUMO

Esse artigo surge do projeto de pesquisa “A cidade cheirava a morte: a história de vida de sobreviventes da tragédia de 2011” tem como objetivo traçar o caminho que nos levará a construção de um livro contendo relatos sobre as pessoas que estavam em Teresópolis durante a tragédia que assolou a região serrana durante janeiro de 2011. Esse texto se dividirá em três partes: inicialmente explicar a relevância sobre o narrar e a necessidade de se escrever um livro sobre o tema Benjamin (1987), Nora (1993), Reis (2023), Rabelo (2011), são orientadores por esse caminho. Em um segundo momento explorar o conceito de trauma, já que este é um conceito estruturante do nosso trabalho, e tem no texto de Freud ([1915] 2010) o principal referencial teórico. A terceira e última parte se dedicará a explicar sobre a organização do livro e o método história de vida, metodologia utilizada na realização dessa pesquisa. Ao longo de todo o artigo incluímos trechos das pesquisas realizadas no ano de 2025.

Palavras-chave: Tragédia de 2011; história de vida; escrita de livro

ABSTRACT

This article stems from the research project “The city smelled of death: the life history of survivors of the 2011 tragedy.” It aims to outline the process of constructing a book containing accounts of individuals who were in Teresópolis during the tragedy that devastated the mountainous region of Rio de Janeiro in January 2011. The text is divided into three parts: first, it explains the relevance of narration and the necessity of writing a book on this theme, guided by the perspectives of Benjamin (1987), Nora (1993), Reis (2023), and Rabelo (2011). The second part explores the concept of trauma—a structural pillar of this work—drawing primarily from the theoretical framework of Freud ([1915] 2010). The third and final section is dedicated to explaining the organization of the book and the life history method, which serves as the methodology for this research. Throughout the article, we include excerpts from research conducted in the year 2025.

Keywords: 2011 tragedy; life history; book writing

- 1 Dra. em psicologia social pela UERJ. Membro do Núcleo de Direitos Humanos (NDH), Docente do curso de psicologia do UNIFESO.
- 2 Dra. Em psicologia clínica pela PUC-RIO. Docente do curso de psicologia do UNIFESO.
- 3 Dra. Em psicossociologia de comunidade e ecologia social pela UFRJ. Docente do curso de psicologia do UNIFESO.
- 4 Discente de Psicologia do UNIFESO.
- 5 Discente de Psicologia do UNIFESO.
- 6 Discente de Psicologia do UNIFESO.
- 7 Discente de Psicologia do UNIFESO.
- 8 Psicóloga formada pelo UNIFESO
- 9 Psicóloga formada pelo UNIFESO

INTRODUÇÃO

No artigo de Gonçalves *et al.* (2018), os autores apresentam inúmeros relatos de pessoas que vivenciaram a tragédia de 2011, dentre eles, o relato de Joelma Rezende, enfermeira e professora do curso de Enfermagem do UNIFESO:

Por volta das dez da noite, se deu conta que não havia falado com sua família e, ao ligar para sua mãe, ficou sabendo que um tio seu tinha se mudado recentemente para Campo Grande, um dos bairros mais afetados pela tragédia. Ficou consternada e sem saber o que fazer, quando foi abordada por duas alunas que se ofereceram para levá-la até lá. Ficou em estado de choque com o que viu, porque o bairro tinha desaparecido (p.90).

Um bairro desaparecer ... como é possível um bairro desaparecer? Quantas histórias e vidas desaparecem junto com um bairro? Sabemos que cada lugar de Teresópolis vivenciou a tragédia de uma maneira, desde bairros em que não se tem registros de destruição, como Alto e Agriões, até outros que foram bastante atingidos, como Caleme e Santa Rita, até Campo Grande em que ocorreu algo dessa magnitude descrita no relato. Apesar de diferentes vivências naquele dia de janeiro de 2011, um fato é possível afirmar: a cidade nunca mais foi a mesma.

Como existir numa cidade traumatizada como Teresópolis? Como construir outras formas de estar no mundo depois da tragédia da região serrana? Adichie (2019) nos dá uma pista, ao dizer que:

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (pág.32)

Humanizar uma tragédia como a que ocorreu em Teresópolis é compreendê-la para além dos números. Estes nos informam que ocorreram aproximadamente, 905 óbitos, 241 desaparecidos, prejuízos superiores a um bilhão de reais e que o número de pessoas afetadas foi superior a 300 mil (Portella e Nunes, 2014; Ottero, Chargel e da Hora, 2018). Ao escutar as pessoas que passaram por essa tragédia, esses números viram pessoas, famílias, amores e lutos.

Além do que Chimamanda Adichie nos ensina sobre a importância da história, Reis (2023) nos fala sobre a capacidade emancipatória e que nos possibilita ampliar o presente, agrupando e organizando os acontecimentos, dando sentidos diversos e polissêmicos às histórias de vidas narradas. O que nos interessa, ao escutar as histórias de pessoas que passaram por essa tragédia, são os lugares plurais e as marcas singulares que os narradores deixaram nesse evento que marcou tantas vidas.

A relevância de não só ouvir o que foi narrado, mas também de escrever um livro sobre as narrativas de pessoas que passaram pela tragédia é uma tentativa de criar um lugar de memória (Nora 1993) e também romper com o “isolamento do homem contemporâneo e o empobrecimento da experiência humana” (Reis, 2013, p.9). Assim, esse artigo, originado do projeto de pesquisa “A cidade que cheirava a morte: a história de vida dos sobreviventes da tragédia de 2016” será estruturado da seguinte maneira. Iniciaremos sobre a relevância do narrar, por que devemos narrar o trauma pelo qual a cidade de Teresópolis passou. Um segundo momento será a própria noção de trauma, para entendermos o conteúdo narrado e, na última parte, falaremos da metodologia da história de vida, que será a forma como conduzirmos todo o processo.

O objetivo deste artigo não é sobre a tragédia de Teresópolis, mas sobre o porquê devemos escrever um livro sobre ela. Kafka, em uma carta escrita à Oskar Pollak, em 1904, diz que “Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós.” O autor diz ainda que a leitura de um livro deve ferir e nos transpassar. Concordamos com Kafka, mas vamos além. Não só a leitura, mas a feitura de um livro também deve nos ferir e transpassar. Por isso apostamos na construção de um livro como lugar de memória e que não fale somente sobre o passado, mas que se ancore no presente e vislumbre o futuro.

REFERÊNCIAL TEÓRICO

Sobre a relevância de narrar e os lugares de memória

Na construção do projeto de pesquisa, um relato era unânime entre as pesquisadoras do projeto: toda vez que comentavam sobre o nosso trabalho com uma pessoa de Teresópolis e que queríamos entrevistar alguém, ela dizia algo como «conheço uma pessoa que você precisa entrevistar». A recorrência de situações como essa mostram não só a relevância do projeto, mas o desejo das pessoas de falarem. Dessa maneira, duas coisas ocorrem: por que esse desejo por narrar e qual a relevância da construção de um livro?

A etimologia da palavra narrar, que vem do latim *narrare*, significa fazer conhecer. Pois ela agrupa e reorganiza fatos do passado (Reis, 2023). Isso vai de encontro ao que Rabelo (2011) fala sobre o desejo de narrar. Ela nos diz que as pessoas buscam, durante esse processo, explicações que nunca tiveram ou que descobriram posteriormente. A autora diz ainda que a narrativa organiza a maneira como as pessoas dão sentido à vida e que elas não são unicamente individuais.

Refletir sobre a própria existência só é possível através da narração. Ao falar sobre a sua experiência, o narrador vai analisar, refletir sobre ela, a partir do contexto atual. Um exemplo disso é o relato de um dos profissionais que entrevistamos o Costa¹⁰, um coveiro que atuou intensamente durante a tragédia. Ao relatar como foram feitos os sepultamentos, ele afirma que as covas foram individuais, feitas dentro do padrão. Esse elemento que ele traz para a narrativa só existe porque, na cidade de Teresópolis, muitas pessoas acreditam que foram feitas covas coletivas para enterrar as vítimas fatais da chuva. Esse trecho narrado pelo Costa, só é possível de existir porque ele é analisado dentro de um contexto de histórias que foram contadas pela cidade.

Além dessa dimensão coletiva do narrar, é necessário também apreciar o que tem de singular em sua narração. É possível assistir o orgulho que ele tem do seu trabalho e o quanto ele é compelido a destacar a dignidade que ele deu às pessoas que faleceram e foram enterradas no cemitério Carlinda Berlim.

Fenômeno semelhante ocorreu com a entrevista de Mariana. Ela viveu na região de Santa Rita (2º distrito de Teresópolis) e conta, de maneira muito detalhada, a forma como a família dela e seus outros familiares sobreviveram. Apesar de relatar momentos terríveis e dramáticos, seu relato traz a questão da beleza, da perfeição de Deus na sobrevivência deles.

Tanto Costa como Mariana ilustram como a narrativa tem a função de construir sentido em suas vidas (Rabelo, 2011). O orgulho que Costa traz ao dizer que todos tiveram suas covas e a beleza que Mariana viu nos eventos que levaram ela e sua família a sobreviver não foram dados, foram construídos ao longo do tempo.

Refletir sobre a relevância do narrar não deve se restringir a pensar o narrador, mas sobre quem escuta o que é narrado. O processo narrativo também se refere ao ouvir e ao sentir e esse interlocutor acaba por ter acesso não às informações sobre o fato, mas às várias histórias que surgiram a partir dele. A outra face do desejo por narrar as histórias da tragédia é o desejo de conhecer o que as pessoas têm a dizer.

Justamente nesse desejo de saber sobre a memória dos outros é que percebemos a relevância de se construir um livro. A construção desse projeto está diretamente ligada ao conceito de Lugar de memória de Pierre Nora (1993). Segundo o autor, esse conceito se refere a locais onde a “memória se cristaliza”. O surgimento de lugares de memórias ocorre, pois é preciso criar arquivos e outras estratégias para que as memórias perdurem, visto que elas não são espontâneas, mas elas se ancoram na coletividade, nos instrumentos que seu grupo possui para que os eventos, como a tragédia de 2011, possam ser rememorados.

¹⁰ Serão utilizados nomes fictícios

Contudo, o processo de memória é necessariamente um processo de exclusão de fatos e manutenção de outros. Dessa maneira, pergunta-se: o que leva a construção de lugares de memórias? O que faz um determinado evento ser tão relevante a ponto de quererem registrar? Santiago Júnior (2015) nos diz que é a vontade de memória da nação. Esse desejo por narrar está diretamente ligado à vontade de memória e por isso a construção de um livro nos parece necessário para a cidade de Teresópolis.

Mas quando se fala em narração, o que estamos narrando? Os eventos de janeiro de 2011? Muito mais do que isso. O objetivo não é obter informações desse relato do que aconteceu. Benjamin (1987) fala que a narrativa nos aproxima da arte e não do que é verdadeiro ou falso. Narrar aqui é entendido como um ato de criação, de construção e jamais de repetição do passado. Dentre tantos motivos pelos quais narrar é uma atividade necessária, aqui queremos refletir sobre a necessidade de narrar o trauma.

Singularidades do trauma no psiquismo

Em um momento crucial de suas formulações sobre o trauma psíquico, Freud ([1915] 2010) designa o trauma como uma experiência que provoca um intensíssimo aumento de excitação na vida psíquica em um curto espaço de tempo. Tão intenso que, ao ser percebido, perturba o gerenciamento de energia psíquica por conta da inundação de uma quantidade enorme de estímulos e se torna impossível a elaboração pelos meios habituais que o psiquismo poderia fazer uso. O afluxo de excitações é excessivo em relação ao que seria tolerável para o aparelho psíquico, portanto. O trauma pode estar referido a um acontecimento por demais violento ou a um acúmulo de situações experimentadas. Diferentemente do que acontece em um evento com conotação de perigo para um sujeito, um evento que pode ser representado simbolicamente no psiquismo, o trauma é irrepresentável, de acordo com Freud. Podemos dizer então que a irrupção do traumático coloca em risco a integridade do sujeito.

Compondo os primeiros relatos colhidos pela pesquisa, a participante Flávia narrou o dia da chuva. Tinha ido ao mercado com o companheiro, fez as compras de mês, o material escolar das 4 crianças estava comprado. Não se sentia bem naquele dia, estava angustiada e chegou a dispensar a visita de uma amiga à sua casa. Começou a chuva forte. Sua filha, com medo de ficar sozinha, pediu para dormir em seu quarto. Um tempo se passou e aconteceu um estrondo. Um deslizamento de terra derrubou a parte de trás da casa, onde sua filha estaria dormindo se não tivesse sido acolhida pela mãe. O caibro que segurava a telha caiu em cima do lugar onde estaria a cabeça dela no travesseiro.

Entendendo imediatamente o risco que corriam, começou a descer as escadas para deixar a casa. Colocou um dos filhos nas costas, mas estava muito pesado e precisou dizer a ele que fosse descendo devagar à sua frente. Neste momento, um grande galho de árvore caiu em suas costas e rasgou sua camisola. Poderia ter atingido o menino que acabara de ser colocado no chão. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Era uma escuridão muito forte. No dia seguinte voltaram à casa deles, de onde conseguiram sair e se abrigar em outro lugar, e viram que tinha ficado somente o esqueleto, ou seja, a parte da frente da casa. Uma parte havia caído e todo o resto estava debaixo da lama.

A mulher que narrava sua história conta, ainda, que ao perceber que podia dar alguma segurança para seus filhos, começou a retomar a vida aos poucos. Na retomada, foi trabalhar justamente com as vítimas da tragédia, tendo sido convocada, por conta de seu trabalho anterior. Isto aconteceu inesperadamente e a fez dedicar-se à profissionalização de seu trabalho, buscando graduação na área e engajamento na esfera pública de serviços e atendimentos sociais. Ela diz que a profissão a escolheu desde então e que a partir deste ponto não se reconhece mais como vítima da tragédia.

Pode não haver jeito de representar inteiramente o trauma experimentado, mas certamente é possível encaminhá-lo a partir do movimento da vida, de sua continuidade, na direção de alguma

elaboração singular, de cada um. Neste caso, temos o aparecimento de um novo propósito de realização profissional que fez toda a diferença. Encontramos, ainda, uma outra narrativa como esta, entre as entrevistas realizadas até então. Sem dúvida, temos aqui narrativas de uma dor transformada, transformando internamente as pessoas que a experimentaram. Essa transformação se refletiu diretamente sobre a cidade atingida pela chuva, que pode agora contar com os serviços altamente especializados prestados por estas entrevistadas.

De acordo com a reflexão de Bosi (2003) já referida neste artigo, se a memória, a história narrada, está aí “para transformar a cidade onde ela floresceu” (p. 69), temos então provas vivas de que é isso mesmo que acontece.

Caminhos escolhidos para quebrar o gelo...

Desenvolver um livro com relatos de sobreviventes da tragédia de 2011, ocorrido na cidade de Teresópolis, coloca aos pesquisadores desafios metodológicos ante a amplitude do contexto do episódio em si e de seus desdobramentos quinze anos depois.

Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o tema da tragédia de 2011, na região serrana. As buscas deram-se a partir do conceito de a) narrar, testemunhar traumas, b) sobre a metodologia de história de vida e c) desastres e tragédias, focado no evento de 2011. A pesquisa reuniu livros de referência, artigos obtidos nas plataformas SCIELO, Google acadêmico, Peps e revistas acadêmicas. O material de referência selecionado para a discussão de aspectos e conceitos referentes às temáticas guiaram o grupo na escuta e escrita dos relatos. A seguir, a listagem das referências analisadas pelo grupo e utilizadas para orientação conceitual e metodológica¹¹:

a. o conceito de narrar, testemunhar traumas:

Autor	Título
ADES, César	A memória partilhada
BOSI, Eclea	O tempo vivo da memória
BENJAMIN, Walter.	“O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.
LAUB, Dori.	Truth and testimony: the Process and the struggle. In: Caruth, C. (org.). Trauma. Explorations in memory.
RESENDE, Regina Carmela Emília	A pesca artesanal tem rosto de mulher: lastro de memória em Arraial do Cabo-RJ.
SELIGMANN-SILVA, Marcio.	Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas.

¹¹ Publicações do grupo de pesquisa no X CONFESO, discutem tais referências: “A CIDADE CHEIRAVA A MORTE: A HISTÓRIA DE VIDA DE SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA DE 2011 e “MEMÓRIA E NARRATIVA NA TRAGÉDIA SOCIOAMBIENTAL DE 2011 NA REGIÃO SERRANA DO RJ”. Disponível em: https://www.unifeso.edu.br/editora/pdf/X_CONGRESSO_ACADEMICO_CIENTIFICO_DO_UNIFESO_CONFESO-JAAPI_271125

b. metodologia de história de vida

ALVES, Ana Paula Ribeiro; SILVA, Nilson Rogério da	História de vida em pesquisas qualitativas: o caso de Beatriz.
FRASER, Márcia Tourinho Dantas	Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre entrevistas qualitativas.
NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães <i>et al.</i>	O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração.
SANTOS, Manoel Antônio dos. <i>et al.</i>	Clínica das configurações vinculares: do estabelecimento do vínculo terapêutico às transformações possíveis.
SILVA, Ana Paula; REIS BARROS, Cláudia; NOGUEIRA, Maria Lúcia M.; BARROS, Vânia A.	“Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida

c. Desastres e tragédias e particularmente a tragédia de 2011, na região serrana

CAMACHO, Matheus Rodrigues; SECCHIN, Jucimar André	Um Olhar Sobre o Déficit Habitacional em Teresópolis e Suas Implicações.
GOULART, Júlia Castello.	Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam.
GONDIM, Sonia M. GONÇALVES, Carla Ferreira <i>et al</i>	Histórias de vida, cidadania e direitos: O desastre ambiental de 2011 na cidade de Teresópolis.
OTTERO, Clarisse R.; CHARGEL, Leonardo Tristão; HORA, Mônica de Aquino Galeano Massera da.	Análise de frequência dos dados pluviométricos observados em 2011 e 2013 na Região Serrana, Estado do Rio de Janeiro.
PINHEIRO, Marta de.	Reconstrução em situações pós-desastre: relato sobre as chuvas de 2011 em Teresópolis.
PORTELLA, Sergio Luiz Dias; NUNES, João Arriscado.	Populações serranas excluídas, cidades insustentáveis: o enigma da participação pública.

Após a adoção do quadro teórico acima descrito, convém ressaltar que na pesquisa qualitativa, tal uso é mantido em aberto durante todo o processo, pois a teoria fundamentada “não impede que outras categorias teóricas sejam posteriormente acrescentadas, desde que estas não sejam incompatíveis com a posição anterior” (Mazzotti, 1998, p.158). Neste caso, a pesquisa em andamento abre-se para tais categorias no momento de análise, uma vez que as entrevistas estão em andamento.

Reunido e analisado o campo teórico, passou-se ao desafio de delimitar o número de entrevistados e definir suas categorias, pensando nos capítulos e partes do livro. Tal resposta foi concluída, a partir da discussão das regiões mais afetadas. Os estudos demonstraram que aproximadamente vinte bairros, em diferentes regiões da cidade, foram diretamente atingidos (Ottero e al, 2017). Diante disso, foi elaborado um delineamento territorial, em que as entrevistas são realizadas de acordo com tais regiões, para que todas elas tenham suas vozes registradas. Consequentemente, serão entrevistadas entre 20 a 25 pessoas.

Outras duas resoluções foram tomadas pelo grupo após os estudos: a primeira originou-se dos relatos da experiência direta de alguns componentes do grupo de pesquisa que ressaltavam a importância de alguns profissionais que atuaram durante a tragédia, como bombeiros, coveiros, médicos, defesa civil, psicólogos, etc. A segunda decisão foi ouvir as pessoas que habitam o Condomínio Ermitage, local em que foram construídas habitações populares e entregues para pessoas que tiveram suas casas destruídas ou permanentemente interditadas. Ou seja, oito anos após a tragédia. Tais moradores são provenientes das diferentes regiões atingidas.

Assim, visando melhor abranger e compor as narrativas foram criados os seguintes eixos, descritos abaixo. Para cada eixo serão entrevistadas entre três e quatro pessoas:

Eixo 1 – entorno da Rodovia 495, Estrada Teresópolis – Petrópolis, região cujos bairros mais atingidos foram: Caleme, Posse e Campo Grande.

Eixo 2 – entorno da BR 116 – Estrada Rio-Bahia (Fischer, poço dos Peixes, Biquinha, Cruzeiro, Santa Rita)

Eixo 3 – entorno da rodovia RJ- 130 – Estrada Teresópolis-Friburgo (Bonsucesso e Vieira).

Eixo 4 - Profissionais que trabalharam diretamente na tragédia: enfermagem, coveiro, Defesa Civil/ Bombeiro, Psicologia, entre outros.

Eixo 5 - Moradores da Fazenda Ermitage.

Após tais resoluções, deu-se o início do período exploratório para acesso às regiões e possíveis entrevistados. As pesquisadoras dividiram-se por região. Os participantes iniciais foram identificados, a partir da rede de relacionamento das integrantes do grupo, por lideranças comunitárias e ainda por suas funções. A organização a partir daí se deu de modo que cada participante escolhido possa vir a complementar e diferir dos relatos já ouvidos. A coleta não foi encerrada. Seis entrevistas foram realizadas até o final de 2025.

A metodologia orientadora do projeto é o método da “história de vida”, oriunda das abordagens biográficas, cujo objetivo é articular a experiência individual à experiência da coletividade para traçar um percurso psicossocial. O método tem como princípio estabelecer um vínculo de confiança e até de amizade. Neste sentido, a relação de cumplicidade é fundamental para a qualidade da entrevista e para a produção de sentido mútua. Tal método torna-se possível, pois parte das pesquisadoras vivenciaram o evento e/ou são naturais da cidade de Teresópolis. Dessa forma, o estabelecimento do vínculo, com alguns dos entrevistados são anteriores ao projeto, e outros se dão pela cumplicidade da vivência no território. O compromisso maior do pesquisador que utiliza o método da “história de vida” é com a realidade a ser compreendida. Para o entrevistado, a experiência de narrar a própria história oferece ao sujeito a oportunidade de (re)-experimentá-la e re-significar sua vida, apontando para uma dimensão ética e até terapêutica do estudo. Por outro lado, o método possibilita uma abordagem histórica mais democrática, dando voz aos grupos, cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante e permite o acesso à cultura, ao meio social, aos valores e à ideologia do sujeito (Silva, 2017).

A entrevista tem como foco o protagonismo do entrevistado para que se possa conhecer o fenômeno estudado sob sua perspectiva. O relato de experiência constrói significados e dão sentidos ao vivido. A narração funciona como uma reconstrução da experiência que pode vir a colaborar para a organização interna, e depois nas análises coletivas daquilo que até hoje soa ou parece desconexo e sem sentido para o sujeito e para a coletividade. O enfoque narrativo busca entender a realidade por meio da confluências da subjetividade, o contexto sócio-cultural e o momento histórico vivido (González, 2014).

O enfoque no protagonista no momento da entrevista não se abstém da presença ativa do pesquisador. Há nesta relação um processo participativo e de co-construção do conhecimento em face

do mútuo compartilhamento de significados e memórias. O narrador usa o relato como meio para a construção da identidade. O investigador, por sua vez, deve exercer a reflexividade ao submeter a crítica e explicitar seus pressupostos e interrogantes de partida. Ocorre na entrevista uma relação horizontal de colaboração mútua (González, 2014).

Da fase da produção do relato/narrativa ocorre o desenvolvimento de uma entrevista, gravada com o celular e transcrita posteriormente pelo pesquisador. Em um outro momento, a transcrição será lida presencialmente para o entrevistado, que poderá sugerir alterações como inclusão, exclusão e detalhamento do relato. Em seguida, haverá a realização de análises sobre o material recopilado para a elaboração da publicação.

O QUE ESTÁ SENDO NARRADO? (REFLEXÕES FINAIS)

Não, as narrativas que comporão o nosso livro não são sobre a tragédia! Isso é fundamental evidenciar. Elas são sobre transformação e reflorescimento após uma experiência traumática, inominável. Elas trazem outras formas de existir no mundo depois de tanta feiura, destruição e morte que foram vivenciados naqueles dias.

Narrar o trauma, segundo Seligmann- Silva (2008), está diretamente ligada ao sentido de renascer e foi exatamente isso que testemunhamos ao longo das entrevistas iniciais que foram realizadas. O que presenciamos foram pessoas com uma enorme capacidade de ressignificação de suas histórias de vida e decididas a não serem vítimas do que lhes aconteceu. Isso entendemos como florescer. Talvez essa seja a única forma de existir em uma cidade traumatizada como Teresópolis: é apoiar nas pedras que tudo destruíram - como disse o Entrevistado 21, do texto de Vargas (2016) - as lembranças.

Se esse livro se tornará ou não um lugar de memória, não somos nós que diremos. Mas apostamos na necessidade e na urgência de “cristalizar” as memórias do que ocorreu, principalmente pelas pessoas que habitam esse território, mas não só para elas. Sabemos que inúmeros lugares como Mariana (2015) e Brumadinho (2019) e as chuvas de Petrópolis (2022) e Rio Grande do Sul (2024) passaram por essas tragédias e elas são cada vez mais frequentes em nosso dia a dia e é necessário aprender com o que se passou.

Sobre a decisão de escrever um livro sobre essa temática, sabemos que são histórias duras, difíceis de ler. Por isso esse trecho de Kafka, que será posto a íntegra após fragmentos dele ao longo deste artigo, nos acompanha e nos faz ter certeza do caminho que devemos tomar:

“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? Porque nos faz felizes, como você escreve? Bom Deus, seríamos felizes precisamente se não tivéssemos livros e a espécie de livros que nos torna felizes é a espécie de livros que escreveríamos se a isso fôssemos obrigados. Mas nós precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que há dentro de nós. É nisso que eu creio.”

(Adaptado de “Franz Kafka, carta a Oscar Pollak, 1904” Disponível em <https://laboratoriode sensibilibidades.wordpress.com>. Acessado em 29/12/2025)

“Naquele dia demorou tanto a clarear, nossa!”

REFERÊNCIAS

- ADES, César. A memória partilhada. **Psicologia USP**, v. 105, p. 233-244, 2005.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Ana Paula Ribeiro; SILVA, Nilson Rogério da. História de vida em pesquisas qualitativas: o caso de Beatriz. 1. ed. Marília: **Cultura Acadêmica**, 2022. v. 1. 180p.
- BARROS, Vânia A. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia (UFMG. Impresso)**, v. 1, p. 2535, 2007.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George (orgs). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987a. p. 197-221.
- BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAMACHO, Matheus Rodrigues; SECCHIN, Jucimar André. Um Olhar Sobre o Déficit Habitacional em Teresópolis e Suas Implicações. **Revista Caderno de Negócios**, v. 3, p. 1-109, 2023.
- DE LA CADENA, Marisol de la. **Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds**. Duke University Press, 2015.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sonia M . Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre entrevistas qualitativas. **Cadernos de Psicologia e Educação - Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n.28, p.139-152, 2004.
- FREUD, S. (1916-1917). Pulsões e seus destinos. In FREUD, Sigmund. **Obras Completas** (P.C. Souza, Trad., Vol. 12) São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- GONÇALVES, Carla Ferreira *et al.* Histórias de vida, cidadania e direitos: O desastre ambiental de 2011 na cidade de Teresópolis. **Revista da JOPIC**, v. 1, p. 83-86, 2018.
- GONZÁLEZ, Maria Fernanda; PADILHA CARMONA, María. Teresa. Investigación narrativa: las historias de vida. En: B. Ballesteros (comp.) **Taller de Investigación cualitativa**. UNED. 2014. Pp.77-101.
- GOULART, Júlia Castello. **Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam**. São Paulo, SP: Autonomia literária, 2019.
- LAUB, Dori. Truth and testimony: the Process and the struggle. In: Caruth, C. (org.). **Trauma. Explorations in memory** (p. 61-75). Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.
- LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1990).
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas psicossociais [online]**, v.12, n.2, p.466-485, 2017.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**(São Paulo). n. 10, p. 7-28, 1993.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitos_humanos.php. Acesso em: 12 fev. 2025.

OTTERO, Clarisse R.; CHARGEL, Leonardo Tristão; HORA, Mônica de Aquino Galeano Massera da. Análise de frequência dos dados pluviométricos observados em 2011 e 2013 na Região Serrana, Estado do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Meteorologia**, v. 33, p. 131-139, 2018.

PINHEIRO, Marta de. Reconstrução em situações pós-desastre: relato sobre as chuvas de 2011 em Teresópolis. In: Pinheiro, Marta de Araújo; Machado, Monica. **Recortes do contemporâneo: mediações socioculturais**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 78-98.

PORTELLA, Sergio Luiz Dias; NUNES, João Arriscado. Populações serranas excluídas, cidades insustentáveis: o enigma da participação pública. **Ciencia & Saude Coletiva**, v. 19, p. 4223-4228, 2014.

RABELO, Amanda Oliveira . A importância da investigação narrativa na educação. **Educação & Sociedade (Impresso)** , v. 32, p. 171-188, 2011.

REIS, G. R. F. S. A Pesquisa Narrativa como Possibilidade de Expansão do Presente. **dDucação e Realidade Edição eletrônica**, v. 48, p. 1-15, 2023.

RESENDE, Regina Carmela Emília. **A pesca artesanal tem rosto de mulher: lastro de memória em Arraial do Cabo-RJ**. Tese (Doutorado em psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.340, 2022.

SANTOS, Manoel Antônio dos. *et al.* Clínica das configurações vinculares: do estabelecimento do vínculo terapêutico às transformações possíveis. **Vínculo (São Paulo)**, v. 14, n. 2, p. 45-57, 2017.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/ inclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 97-118.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas?, **Psicologia clínica**, v.20, n.1, p. 65-82, 2008.

VARGAS, Maria Auxiliadora Ramos. Moradia e pertencimento: a defesa do Lugar de viver e morar por grupos sociais em processo de vulnerabilização. **Cadernos Metrópole**, v. 18, n. 36, p. 535-557, 2016.